



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 14 de Julho de 1979 * Ano XXXVI — N.º 922 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Os Direitos da Criança

VIII. — «A criança deve estar, em todas as circunstâncias, entre os primeiros a receber protecção e socorro.»

Estabelece este número da Declaração dos Direitos da Criança uma prioridade absoluta — «em todas as circunstâncias» — e muito oportuna num mundo em que a violência campeia e o sentido comunitário da justiça, como a delicadeza de sentimentos, sofrem eclipse parcial.

A defesa decidida e organizada dos mais fracos é sinal de saúde de uma sociedade e contribuirá para um crescimento harmonioso, para o bem-estar dos seus cidadãos. Ouvir os gritos dos que reclamam os

seus direitos; agir sob a pressão de multidões com voz — é a vulgaridade. Sábio e nobre é, antes de mais, ir ao encontro dos que não têm voz: intuir os seus direitos, adivinhar as suas necessidades, colmatar as injustiças de que são vítimas, consolidar, desde os primeiros estratos, os alicerces de uma sociedade em que o Bem-comum seja património ao alcance de todos, capaz de responder suficientemente a cada um.

Não têm voz as crianças; perderam-na os da 3.ª idade;

nunca a tiveram os diminuídos de toda a sorte; e até grupos adultos e válidos, como os rurais, habituados ao silêncio fecundo, não especializados em berraria, classicamente preteridos. Eis «os primeiros a receber protecção e socorro».

Como estamos longe!

Socorro é uma acção consequente a emergência, a acontecimento catastrófico. Nesses momentos é mais generalizada a prioridade. O sentimento das pessoas é estremecido pelo insólito; a emoção mobiliza esforços, generosidades. A partilha torna-se mais espontânea e é um facto. Mas a vida não se organiza em função do extraordinário. Há estados permanentes de debilidade, de insegurança, de carência, a urgir de todos uma prevenção habitual. Esta disponibilidade duradoura não pode sustentar-se do sentimento; tem de provir de uma mente esclarecida sobre a gravidade dos problemas, de uma adesão sincera a todo o esforço convergente à sua solução. Há que permanecer em estado de alerta que

Cont. na 4.ª pág.

O NOSSO JORNAL

O assunto já foi aqui levantado, mas então resolvemos permanecer como estávamos. Os nossos Leitores é que não. Quer em cartas, quer, sobretudo, aos vendedores do jornal, a pergunta é cada vez mais repetida: — «Então tudo aumenta e o GAIATO fica sempre na mesma?...» E não são palavras que o vento leve, porque do dito passam aos factos e pagam-no generosamente acima do preço que está fixado. Os nossos Rapazes há muito que trazem mais de 100 por cento de acréscimos.

Pois rendemo-nos, porque na verdade o custo do papel, das tintas, das máquinas, de tudo... sobe assustadoramente; e também por uma questão de coerência com o critério adoptado para a contabilização das assinaturas: 100\$00 por ano, que cobrem à tangente as despesas da sua publicação. Ora como estava, a venda dos 26 números anuais somava apenas 65\$00. Era um contra-senso o preço avulso tão inferior ao da assinatura.

Rendemo-nos, pois. E a partir do primeiro número de Agosto o jornal sairá com o preço de 5\$00.

Mas fica sempre de pé — e para tal chamamos a atenção dos Leitores — aquele princípio de voluntariedade que rege todos os «negócios» com o nosso público. O preço indicado é uma ordem de grandeza, que não uma imposição rígida. Que, por não poder chegar a ele, nenhum apaixonado fique sem a leitura que lhe faz falta. Dará o que puder. Outros darão mais na vez dele... E ao cabo as contas dão sempre certas! Aliás, nesta linha, os vendedores do Famoso têm liberdade de acção. É-lhes permitido oferecer um jornal a quem o queira e não possa; e proibido aceitar o preço de quem pode e o não quer. Temos de confiar na consciência dos senhores e dos Rapazes. Estes não saem a pedir, mas a trocar Valor por valor. Há outras oportunidades para donativos. Nesta da venda, corre-se o risco de ofender a dignidade do Rapaz, levando-o a deturpar o sentido da sua missão de mensageiro e até de o colocar em tentação.

Estamos pois entendidos para o momento. E quem dera a vida pare de subir e não tenhamos de voltar tão cedo ao assunto!

Padre Carlos

MALANJE

● Na saída da «nossa Casa» deixei o Lupricínio a capinar os caminhos do jardim com os outros «Batatinhas». Já andavam cá dentro, em rodopio: as acácias rubras, os calistemos com seus cachos vermelhos, a fonte de paz a manar das duas lagoas e as pedras róseas da nossa capela... A visão dos «Batatinhas» — a caminho de Carianga — precipitou a catadupa. Não foram lágrimas; mas um poente com riscos pálidos a oprimir o coração.

Dois dias antes, tinha-me dito o Lupricínio:

— «Quero ir outra vez para as mães da Catepa.»

São as duas irmãs a quem o pai o entregou.

Que não tinham lugar, lhe disse.

— «Então quero ir para o meu pai.»

Que não sabíamos dele e talvez um dia viesse — tornei eu.

Tive que o deixar mesmo a limpar os caminhos do jardim.

Os milhões de palavras que, em todo o mundo e durante o ano, se vão atirar sobre os «Direitos da Criança» — não atinarão com a mágoa profunda do Lupricínio.

● No nosso pequeno quintal brotou a primeira flor! Uma dália cor de laranja com pintas brancas. Todos de volta, saboreámos com encantamento o primeiro fruto — a nossa flor!

Os momentos de angústia nas horas incertas da guerra e o frio do coração na despedida da «nossa Aldeia» nos reuniram em volta duma flor...

Era bom que todas as sociedades despidas abandonassem as rampas e regressassem às flores, aos animais e a si próprias (ou seja ao Homem).

Vamos todos regar as nossas flores e pormos os ouvidos à escuta do canto das avezinhas.

Padre Telmo



Um quadro vivo da nossa Aldeia de Paço de Sousa, em momentos de alegria.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FESTIVAL DESPORTIVO — Conforme dissemos, no número anterior, realizou-se, cá em Casa, mais um Festival Desportivo que deu bastantes surpresas.

Havia favoritos, mas acabaram por andar no meio da classificação, por aparecerem valores escondidos que, agora, se revelaram.

Eis as classificações:

Damas — 1.º Manuel Henriques, 2.º «Nera», 3.º «Faneca», 4.º Costa.

NATAÇÃO 50m — 1.º Joaquim, 2.º Ludgero, 3.º «Malmequer».

75m — 1.º «Rebuçados», 2.º Mendão e 3.º Ulisses.

100 m — 1.º Humberto, 2.º Germano e 3.º «Tiroliro».

ATLETISMO: 800m — 1.º Morais, 2.º «Zig-Zag» e 3.º Agostinho.

3.000m — A: 1.º «Faniqueira», 2.º Mendão e 3.º Ulisses.

3.000m — B: 1.º Neves, 2.º «Pernalonga» e 3.º «Malmequer».

8.000 m — 1.º Morgado, 2.º Henrique e 3.º «Pintassilgo».

Salto em altura: — 1.º «Xabregas», 2.º «Faneca» e 3.º Mendão.

As provas decorreram num grande espírito de camaradagem, de verdadeiro desportivismo.

A tarefa de organização caiu sobre o incansável Álvaro que faz sempre o melhor que pode dentro dos seus limites.

Parabéns às «revelações» deste Festival Desportivo. E esperança para progredir mais e mais em próximos torneios, internos e externos.

Parabéns!

PRIMEIRA COMUNHÃO — No mesmo dia em que alguns dos nossos



Fernando, Carlos Manuel e D. Sofia.

fizeram sua Profissão de Fé, os pequenitos lisboetas, Fernando e Carlos Manuel, fizeram a primeira Comunhão.

Pelo que podemos ver na gravura, estavam lindos e as caritas são mesmo amorosas.

A sr.ª D. Sofia foi quem os preparou para a primeira Comunhão.

Oxalá eles saibam dar valor, pela vida fora, ao acto que realizaram, muito importante na sua vida cristã.

PRAIA — O primeiro turno está na praia a cargo de D. Maria Angélica.

Os dias têm estado bons e espero continuem, precisamente agora, que partiram os mais pequenos para gozarem merecidas férias.

A malta mais velha ainda tem alguns exames, e isso iria causar grande transtorno na nossa vida.

Os meus sinceros desejos que passem boas férias, com muito sol e muitos banhos. Entretanto, acho que não é mau lembrar-lhes que o nosso jornal tem um cantinho destinado a «Azurara», esperando que nos vão dando notícias das vossas férias... É um dever importante para se cumprir!

AGRICULTURA — Estamos na época da batata e parece-me que vamos ter mais que o ano transacto. Os Rapazes que vieram do Lar do Porto lá andam a sarchar para que possa crescer sã e bonita.

O nosso vinho parece ser muito, este ano! As videiras estão carregadas de cachos, que a seu tempo amadurecerão para nos darem o delicioso vinho.

Enquanto isto, houve uma renovação no que toca a tractorista, pois o Meno, antigo condutor, foi trabalhar para fora e houve necessidade de se pôr outro no seu lugar.

O «Capitão» era o mais interessado e ingressou como tractorista. Ele lá se vai desenrascando porque eu já o vi a lavar o pomar e dava uns toques.

É um gosto vê-lo trabalhar com o nosso tractor.

Só espero é que o «Capitão» ponha a cabecinha no devido lugar para que tudo corra sem acidentes.

CORRESPONDÊNCIA — Um postal ilustrado que o nosso ex-chefe maior, cumprindo serviço militar, enviou ao P. e Abel:

«Neste momento estou aqui no Centro de Estágio em Lisboa. A nossa equipa ficou em terceiro lugar por equipas.

Ganhei duas medalhas, uma nos 400 m por ter obtido o primeiro lugar e outra por ter ficado em segundo lugar nos 100 m. Em salto em altura fiquei em quarto lugar, saltando 1,78. A diferença do primeiro foi de 12 cm.

Um forte abraço para si e cumprimentos para a malta.»

É um nosso atleta. E continuará a sê-lo apesar de agora estar na tropa, na Força Aérea.

O Jorge Alvor está de parabéns pelas classificações obtidas nestas provas. Ele continua a mostrar o seu valor mesmo longe de nós.

Os nossos sinceros parabéns.

SERENATAS NOCTURNAS — Quase sempre, depois do «Astro» — a nossa malta também não dispensa a telenovela — o «Conceição» e «Sete e Quinhentos», e algumas vezes bem afinados, são os reis da serenata nocturna.

Local: aquele que designamos por «jardim de Pai Américo». Era aí que ele passava uma parte do tempo de lazer.

Duas violas que nos deram, servem para fazer o acompanhamento de algumas canções, que vozes bem afinadas procuram trautear.

Por vezes tenho adormecido ao som das serenatas! Não fossem elas, com o calor que está, mal conseguiria dormir... Acho que é uma ótima ideia e devem continuar para que possam tirar daí notas para futuras canções festivaleiras.

S. JOÃO — Este ano não festejámos o S. João em nossa Casa por

haver uma outra festa muito perto.

Como o nosso Conjunto foi convidado a participar, a maior parte da malta quis ir ver a nossa actuação e então foi permitida a sua estadia, no recinto, até às 11 h. Primeiro por ser sábado e porque a hora não era lá muito tardia.

Não podemos considerar que saíu bem a nossa actuação, pois no dia seguinte teríamos uma outra no S. João em Penafiel.

Por isso, não queríamos estar ali a dar tudo por tudo...

Felizmente assim não aconteceu. A nossa actuação saiu tão bem que a Comissão de Festas pediu para tocarmos mais tempo do que o previsto!

A organização destes festejos esteve muito boa.

Só nos resta agradecer terem-se lembrado de nós e agradecer, também, a maneira tão carinhosa como nos receberam em Penafiel.

Um abraço muito amigo aos penafielenses.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A pensão social, está a ficar em ordem, pelo menos entre os Pobres que nos procuraram para formalidades burocráticas.

E já não era sem tempo!

Entretanto, folgamos com a igualdade de pensão cidade/campo — pela qual pugnámos — e, também, pelo pequenino aumento já anunciado oficialmente.

Evidentemente, 1.250\$00 mensais não dão para a subsistência de ninguém, se houver que retirar deles para remédios, calçado, roupas... Todavia, mais vale pouco do que nada.

Ora nós sabemos de Pobres que encaminharam logo, para o aforro, seu pecúlio de atrasados: — É para ajuda do meu funeral...

Por quanto ficam quatro tábuas

de pinho..., mai-las formalidades terrenas da partida para o Reino de Deus?! Daí, sublinharmos o comportamento de Pobres que não desejam ser pesados a ninguém.

● Em recente acção de interesse público voltámos a reconhecer, por graça de Deus, a generosidade e desapego de Pobres que, do seu nada, multiplicam verdadeiras fortunas.

— Tomem lá *acajo* tudo o que eu tenho...

Era uma nota de 20\$00, amachucada, colhida de bolsa velha, pousada numa soca sobre o trasfogueiro.

Este, e casos semelhantes, são o melhor incentivo nas acções em prol do bem-comum.

PARTILHA — Hoje temos, apenas, cinco presenças, a maior parte habituais.

Lisboa, Rua Pascoal de Melo, 250\$00 em vale do correio «com um grande abraço» e o pedido de anonimato.

Solicitando «o anonimato habitual», mais 500\$00 dos lados de Vila Nova de Gaia e uma invocação:

«Nesta hora ousa pedir uma oração ao Céu, a que me associo também, por todas as nossas crianças do mundo inteiro para que Deus as abençoe e ampare e desperte em todas as criaturas um amor verdadeiro e muito amigo, agora e sempre. E assim, na prática, todos os pequeninos sere, tenham tudo para serem felizes.»

Outra vez Lisboa, Rua das Amoreiras, agora com 200\$00, «ajuda de Maio e Junho».

Casa-assinante 17022 também com duzentos escudos:

Por fim, um remanescente de Loures «para os Pobres».

Muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

FESTAS — Terminaram as nossas Festas oficialmente, mas ainda há a repetição em Miranda do Corvo, pois muitas pessoas não foram e querem ver e então teimaram conosco para repetirmos.

Anadia foi a meta que desejávamos. Os «Batatinhas» queriam continuar com os seus corações cheios de carinho e amor.

Perguntei ao «Bolachinha» o que andou a fazer nas Festas, e ele respondeu com toda a alegria: — Olha! Andei a cantar.

Mas as Festas foram um aperto para a nossa vida, que continua.

AGRICULTURA — A agricultura tem sido, como sempre, um trabalho de muito sacrifício. As nossas batatas estão indo, como desejávamos. Já comemos das nossas batatas novas



Eis o grupo da Profissão de Fé



CARTA de DESPEDIDA

Irmãos Gaiatos:

A minha carta de Natal que vos costumo enviar todos os anos através da nossa Casa de Malanje foi fechada, tal como a nossa querida Casa do Gaiato.

O meu coração continua e há-de continuar aberto à nossa querida Obra e, também, à nossa ex-Casa que jamais será esquecida.

Sofro bastante e a dor torna-se maior porque há alguém que, muito de perto, sofre muito mais.

A dedicação e o amor com que construímos a nossa Casa está bem patente na fotografia do nosso cruzeiro. O olhar meigo do Quim e do Manuel António não enganam o amor e o carinho que tinham e que continuarão a ter pela nossa Obra.

Lembro-me quando eu e P.e Telmo fomos ao Quanza Norte buscar o Quim e o Manuel António. Eles eram pequeninos e hoje devem ser uns homens e, por isso, não esquecem todo o amor que receberam. As célebres frases do nosso Maxinde dizem tudo. Está provado que a dedicação e o amor às crianças abandonadas não saem da enfermagem nem da medicina. Para quê formar homens com um certo grau académico se,

moralmente, são um fracasso autêntico? Não terá a criança direito a pai e mãe? A nossa Obra é pai, é mãe, é carinho, é amor e é tudo o que uma sociedade não respeita, mas que, num futuro, virá a respeitar, pedindo até desculpas.

Se a O.N.U. pede protecção às Embaixadas e Consulados, porque não proteger estas «embaixadas de amor e carinho» que em todo o mundo são bem aceites? Só se lembram das «embaixadas de amor e carinho» quando há guerras, misérias, prostituição! Para se construir é preciso bases e ser construído.

Nós, rapazes do «lixo», sabemos o que é o amor de Pai Américo. Também sabemos e conhecemos os bons e os maus de uma sociedade que despreza os direitos de uma criança que tem sede de amor.

Esta é a minha carta de despedida com direcção de Malanje para passar a ser Casa do Gaiato de Malanje — Obra da Rua — Paço de Sousa. E não me levem a mal por isso.

Desde 1975 pensava voltar à nossa Casa de Malanje; mas, só voltarei quando a doutrina de Pai Américo for a base e o respeito por um rapaz que pede amor.

Nós não importamos nem exportamos doutrinas; construímos a doutrina de Pai Américo com amor, carinho e alegria que estão bem patentes em todos nós gaiatos da Rua. Nós saímos do lixo. Vamos para o lixo buscar o «lixo». Fazemos do «lixo da rua» rapazes com carácter e bom senso, capazes de transformar os maus em bons. Eu era mau mas, em Malanje, nas bases de Pai Américo, com o amor e o carinho de Padre Telmo e dos rapazes mais velhos, aprendi a ser honesto até nos meus pensamentos.

Padre Telmo dizia-me muitas vezes: — «Manuel, com calma e serenidade nós resolvemos os nossos problemas.» Ele tem razão.

Quando alguém se torna invejado é porque tem muito valor. Pai Américo conseguiu ser invejado e três das nossas queridas Casas já foram vítimas.

Rapazes, meditemos sobre esta injustiça. Temos muito amor para dar e buscar. Nós, rapazes, já com lares formados, não deixemos de meditar nos nossos irmãos pequeninos que foram vítimas desta traição à doutrina da Obra que é nossa.

O nosso cruzeiro de pedra é pesado. Os abandonados também pesam.

O vosso irmão,

Manuel Fernandes

Partilhando

Se hoje vou escrever alguma coisa sobre a visita de 150 crianças, filhas de trabalhadores da Efacec do Porto, é só para dar aso à nossa alegria pelo espírito que motivou tal visita. Estávamos pouco ou quase nada habituados a sentir um empurrão tão forte para misturar os nossos com os de-

com muito apetite. Mas a agricultura, cá em Casa, não é só de batatas. Também tem milho, que começa a dar-nos muito trabalho ao sol.

O milho já foi sachado e acabámo-lo de sachar no sábado, desde manhã até ao cair da tarde. E, no fim, os rapazes correram para a piscina e mergulharam com fúria, de tanto trabalho, agarrados à enxada. O Abílio é o agricultor de sempre, que rega as nossas batatinhas e o feijão, para que germinem e dêem fruto.

FÉRIAS — Aproximam-se as férias. As aulas para alguns já terminaram. A Instrução Primária continuou até ao fim do mês de Junho.

Mas o mês de Julho vem dar-nos umas férias na praia. Já limpámos a nossa casa de Mira e, agora, foram para lá crianças aproveitar estes dias de sol.

Um abraço aos caros leitores e boas férias.

Guido

les. É verdade. Tudo começou assim: o grupo dinamizador da Associação Recreativa e Cultural da Fábrica veio cá programar e até motivar-nos... Pois, a nossa desmotivação era evidente. Que nos perdoem, ao menos, o travão que pusemos quase a fundo, quando quisemos o almoço em conjunto com os nossos miúdos e sem despesas para nós. Mesmo assim, levaram umas dezenas deles a almoçar debaixo das tileiras e dos carvalhos que, sendo nossos, não nos é fácil gozar da sua sombra, para saborear um bom almocinho. Também aquelas árvores já levaram tantas vassouradas, são tão aborrecidas no Outono, que a sua sombra já não faz crescer água na boca dos nossos miúdos. Só naquele dia é que não. Tudo sentado, tudo igual. Cada um abria o seu saco de plástico e comia sem a preocupação de olhar para o vizinho do lado. Isto, pelo que me disseram, que a mim ninguém me convidou para o almoço! Vejam só a grande e única «falha» que houve naquele dia...! E ao lanche já houve convite, mas a palavra de ordem (organização!) da malta foi: «bicha, bicha!» Que remédio, se não, nem lanche nem almoço!

A grande preocupação do grupo responsável foi sempre

a mesma: tempo ocupado em convívio intenso. O objectivo foi atingido.

Não se perdeu tempo. A ideia-chave — «que os nossos filhos sintam que o bem e as regalias que têm hoje, amanhã poderão faltar, à semelhança de muitos de vós» — esteve sempre patente nas relações eles-nós todos. «Que sintam que há outras crianças mais desfavorecidas, a quem devemos conhecer, para melhor acarinhar e respeitar» — foi a lição a aprender para ensinar... Trabalhadores! Corajosos!

Não é fácil ver a nossa vida com olhos de coragem assim! E aos filhos dizer: «Não tendes o direito de esbanjar o que a outros faz tanta falta», é procurar dar luz à justiça numa sociedade que foge para a escuridão do aburguesamento, desde o amanhecer da vida... Educação a partir da verdade mostrada a nu, sem os antigos preconceitos sociais, ainda não é tão fácil como parece. Há muito para andar! Que a realidade é bem mais dura que a fantasia.

Vir até nós assim, não apetece dizer «isto, já não é o que era!», mas sim «o essencial é igual!...»

Feliz ou infelizmente?

Padre Moura

RETALHOS DE VIDA

«O PALHAÇO»



Chamo-me José da Silva Santos, sou natural de Coimbra e tenho 18 anos.

Estive em Cadima com os meus pais até aos 7 anos.

Minha mãe faleceu tinha eu 9 anos. Como meu pai não me podia sustentar, vim então para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, andava eu na primeira classe da Instrução Primária.

Quando lá cheguei, fui logo para o canto da eira. Trazia umas calças muito largas com feixo em cada perna e começaram-me a chamar «Palhaço». Dessa altura em diante fiquei com o apelido de «Palhaço».

Estive na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo até fazer a quarta classe. Depois, vim para a Casa do Gaiato de Beire, onde comecei a trabalhar na vacaria, a tratar o gado.

Agora, trabalho ainda com o moinho a moer farinha para as nossas vaquinhas.

Gosto muito de estar na Casa do Gaiato. É bom trabalhar cá.

Termino estes retalhos da minha vida com um grande abraço.

José da Silva Santos («Palhaço»)

NOTA DA REDACÇÃO — Estes documentos humano/espirituais têm muita repercussão. Calam sempre fundo na alma dos leitores.

Recentemente, a RDP, em «Dominical dominicalíssimo», ocupou-se largamente do último depoimento subscrito pelo Luís Filipe, da nossa Casa do Gaiato de Beire, comentando-o sem tibiezas, com muita oportunidade.

Agora, e ainda no que se refere ao Luís, leitora de Gavião dá também uma ressonância cuja luz não poderia ficar debaixo do alqueire:

«Leio o vosso jornal, enviado em nome do meu filho, através do qual tomo conhecimento dos vossos problemas, bem como das vossas esperanças.

Hoje mesmo recebemos o publicado em 16/6/79, onde li «Retalhos de vida».

Na verdade, a vida é toda feita de retalhos, maus e bons. No entanto, há que ter esperança no dia de amanhã, em especial quando se tem apenas 15 anos, como é o caso do Luís.

Tal como ele, desejaria que no mundo não houvesse mais miséria, pobreza, lutas ou fome, mas sim paz e amor.

Todavia, uma só pessoa não poderá modificar o mundo, se infelizmente existem mais a fazer guerra do que a procurar a Paz...

Estamos no Ano Internacional da Criança. Mas, pelo mundo fora, elas continuam a sofrer e a ser incompreendidas! Por isso desejo que, este ano, se faça algo duradouro em seu benefício, porque serão elas os homens e mulheres de amanhã.»

ORDINS

Voltamos a lembrar as necessidades dos Outros, pedindo a vossa compreensão e ajuda. Agora, tratamos de dois doentes:

Um solteiro, com doença incurável, mas que precisa sempre de tratamento. As posses são poucas...

O outro é casado, tem filhos, e a mulher é doente há já alguns anos. Era o único amparo da família. Para maior desgraça quebrou a espinha, ficando impossibilitado de trabalhar. Como isto aconteceu fora do serviço normal, não sei se virá a receber alguma pensão...

Andámos, pela freguesia, a recolher donativos para comprar um carro motorizado, dando-lhe assim um pouco de dis-

tração, pois trata-se de pessoa bastante nova. Os donativos recolhidos ficaram muito aquém do que seria preciso.

Neste sentido, venho, pois, bater à porta dos leitores do «Famoso».

x x x

Temos três liteiros feitos a 280\$00 cada. Uma colcha de solteiro em gaze, por 800\$00. Se alguém estiver interessado é só pedir.

Continuamos a fazer colchas de lã e algodão, no tear. As encomendas não param!

A nossa direcção é a seguinte: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — 4560 Penafiel.

Maria Augusta

ÁFRICA

A prosa que todos sabem escrever quando o assunto é África do Sul versa fatalmente o apartheid. E aquilo que os emigrantes me coagem a constatar é também este mesmo tema.

Mas enquanto fora deste País todos combatem o flagelo, aqui estes saltam em defesa da verdade.

— Veja bem se aqui há alguma forma de apartheid!

Ora, pelo que me tem sido dado verificar, a convivência hoje é perfeitamente normal entre as gentes de todas as cores. Os indianos, esses estão em sua casa. Os pretos também. Uns e outros começam a ocupar todas as posições sociais, consoante a capacidade e preparação. Nas ruas, no trabalho, nos centros de ensino e de recreio. Nas galerias subterrâneas do Carlton Centre, em pleno coração da City, em gigante tabuleiro de xadrez, encontro sempre a jogar, num grande à vontade e descontração, pretos e brancos. Se nas escolas, mesmo superiores, vemos já a inserção dos pretos e indianos, aos empregos es-

tes têm pleno acesso. Evidentemente, a preparação adequada limita o número que deseja a integração.

As leis, para que esta seja completa, estão na forja. Na cidade de Joahnnesburg decorreram neste momento cursos permanentes e obrigatórios para brancos, a fim de que estes tomem conhecimento do que se deseja realizar e o aceitem com naturalidade.

Certamente que a integração, com a supressão do tradicional apartheid, não supõe destruição de valores adquiridos, de cultura própria, de modos e gosto de viver.

Foi-me dado a ouvir há dias do primeiro responsável pela condução dos actuais destinos do país, que uma das intenções do governo é respeitar as culturas africanas das diversas etnias que povoam este imenso território do extremo sul africano. Efectivamente a independência do Transkal, do Lesoto e brevemente de outras parcelas da África do Sul inserem-se nesta linha de acção. Os aglomerados humanos que

se mantêm com vida própria aqui e além, nos subúrbios das grandes cidades, têm que ser vistos nesta mesma óptica.

Visitei alguns deles, como o Swetto e reparei que assim é. Este, colado a Joahnnesburg, é uma verdadeira urbe com um milhão de habitantes. Uma auto-estrada ali nos conduz. Escolas para todos os escalões etários são inúmeras. Todos têm acesso a elas. Grandes hospitais, centros de saúde, ginásios, campos de jogos, desde o rugby ao ténis, ao futebol, abundam por toda a parte. As viaturas, das mais luxuosas, dizem do alto nível de vida dos habitantes. As casas — e visitei algumas — possuem luz, água e esgotos.

Sem estes requisitos não poderiam ser edificadas. Algumas são verdadeiras e graciosas vilas.

É normal que a cor aproxime os homens, como a língua

faz outro tanto com os nossos emigrantes. Estes também gostam de viver juntos. E vivem. E as autoridades locais respeitam.

Se pensarmos no que aconteceu com a nossa revolução primaveril temos de concluir que bem ajuizados andam estes mentores da nova acção renovadora da África do Sul. Enquanto entre nós houve e continua ainda a haver nítida vontade de destruir a cultura portuguesa, ou talvez de substituí-la, aqui há o respeito pelos valores seculares do povo que nestas paragens se encontrava quando da vinda dos europeus. A estes, com espanto meu, é ensinada hoje nas escolas primárias a língua daqueles, certamente para que melhor se entendam e respeitem.

Um juízo de valor só é exacto quando se têm nas mãos os dados suficientes para o emitir. Fazê-lo a priori sem

prévio conhecimento, é insensatez.

Não haverá entre nós várias formas de apartheid? Fala-se muito de igualdade de direitos, de oportunidades. Mas eu ando cansado de escutar as mágoas de tantos que se vêem a braços com os incuráveis que têm nas suas terras, com os deficientes mentais profundos que perderam os familiares ou deles são abandonados, com os idosos sem ninguém. E porque estes, porta-voz da miséria alheia, não encontram lugar em mais parte alguma, aqui vêm diariamente pedir auxílio como última instância.

Ora esta marginalização, por parte dos familiares e da sociedade, não será uma forma de apartheid?

Deixemos os problemas dos outros e vamos aos nossos que são muitos.

Padre Baptista

Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

bule com o egoísmo, com a comodidade dos instalados; há que erguer estruturas cuja manutenção não depende apenas, nem sobretudo, dos meios materiais, certamente indispensáveis, mas da dedicação de muitos que não de dar-lhes vida. Nisto, principalmente, reside a grande dificuldade, o alto preço de uma protecção adequada e eficaz. Emotivos há muitos. Mas onde os apaixonados?...

«Para a Igreja Católica — disse Paulo VI ao receber o Director do UNICEF, responsável da coordenação do Ano Internacional da Criança — o serviço prestado à criança não é objectivo transitório, mas sim tarefa permanente assumida com dignidade e duradoura prioridade». E a preparar esta conclusão: «A Santa Sé tem-se interessado por que tal acontecimento (o A. I. C.) não seja ocasião de se multiplicarem iniciativas que não tenham influência directa na felicidade das crianças; e compraz-se em notar que o mesmo interesse tem sido manifestado pela Assembleia Geral da O. N. U. ao determinar os objectivos do Ano Internacional, que falam de aumentar o conhecimento das necessidades especiais das crianças, por parte dos responsáveis e do público e que defendem actividades estáveis para benefício das crianças.»

A felicidade das crianças, a justiça a prestar-lhes prioritariamente, como condição de um mundo mais equilibrado e estável, onde os adultos encontrem também a sua felicidade, uma mais duradoura e autêntica alegria de viver — eis a meta por que terá valido a pena quanto se andou neste Ano Internacional.

Mas tal não depende apenas dos responsáveis, ainda que

livres para aprofundarem o conhecimento e se debruçarem sobre as necessidades especiais das crianças (o que, infelizmente não acontece, nem entre nós nem por esse mundo...). O Ano Internacional da Criança foi também para motivar o público ao conhecimento dessas necessidades; para o responsabilizar nas actividades estáveis de que as crianças não-de beneficiar. Elas têm «em primeiro lugar, o direito à vida, à verdade e ao amor». «Seria contradição, acrescenta Paulo VI, se por altura do A. I. C., viessem a ser promovidas actividades cuja inspiração e finalidade consistissem em levar a que fossem as crianças consideradas como menos bem-vindas e fossem mesmo impedidas de nascer na sociedade». Sim, o direito à vida.

Mas também o direito a viver a infância: «A criança como criança, como pessoa humana e não simplesmente como adulto potencial». Esta é a sua verdade, a qual, não impedida e mesmo procurada, será um valor inestimável para um mundo mais verdadeiro, que «a infância é fase essencial da vida humana e cada criança tem o direito a vivê-la até ao termo e a prestar uma contribuição original para a sociedade se humanizar, se desenvolver e renovar».

E o direito ao amor, que oxalá todos pudessem experimentar primeiramente da sua família, no seio dela. Amor cuja prestação se põe como exigência à sociedade maior quando a família não existe ou não é capaz, ou «quando as crianças se encontram em situações especiais de angústia e sofrimento.»

Sensibilizar, mentalizar esta sociedade maior, desde os níveis locais até à escala mundial, para os seus deveres relativos à criança — eis o grande papel que pode ter, que deve ter, que oxalá alcance o Ano Internacional da Criança. Para tanto, que fazer? «Que fazer para melhorar a sociedade? Eu responderia (Foi João Paulo I quem o disse, dias antes de morrer): Procure cada um de nós ser bom e contagiar os outros com uma bondade toda penetrada pela mansidão e pelo amor ensinado por Cristo.

...Eis a palavra exacta: não é a violência que tudo pode; é o amor que tudo pode».

Eis o fundamento de um socialismo à dimensão do Homem: autêntico, fecundo. Difícil...! Nunca acabado... como a perfeição do Homem! E no entanto o menos utópico de todos.

Padre Carlos

Vinte e cinco anos

Não se trata dum aniversário vulgar, do ponto de vista humano, mas incentivo aos que creem no chamamento divino.

Damos graças a Deus por um sacerdote — o nosso Padre Baptista — com 25 anos de serviço à Igreja, concretamente na sua doação total aos Rapazes e Doentes do Calvário.

Na década de 50, ainda jovem seminarista, ele já aparecia pelas Casas do Gaiato, sacrificando parte das suas férias, não como simples veraneante ou visitante, mas procurando algo para cimentar uma vocação embrionária. Estes contactos com a Obra da Rua foram, realmente, experiência muito válida, pois em 29 de Junho de 1954 — dia de S. Pedro e S. Paulo — o nosso Padre Baptista foi ordenado sacerdote, com outros homens que deixaram uma vida mais fácil para seguirem o Mestre.

Este apontamento não significa um elogio à maneira do mundo — como afirmou o nosso Padre Horácio durante a concelebração no «Espigueiro do Pão Vivo» — justificando, sim, uma data que temos de assinalar nos anais de O GAÍATO, da Obra da Rua. Disse Padre Horácio:

«Ao juntarmos aqui, no Calvário, no dia de S. Pedro e S. Paulo, 29 de Junho de 1979, é para dar graças a Deus. De outro modo Padre Baptista não aceitava! Estamos aqui, ao redor deste altar, sete Padres ao serviço da Obra da Rua. Venho transmitir a mensagem dos nossos Padres que estão em África e de outro que esteve na Obra e embora não estando a colaborar directamente, está também unido a nós. Pois a mensagem deles (dos ausentes) é de presença em espírito, de acção de graças ao Senhor da Messe. Não é para elogiar ninguém! Pesem embora os nossos defeitos, como de qualquer ser humano, creio bem que vale a pena acreditar no Senhor e trabalhar no bem dos Outros, por amor a Cristo...»

Não fora esta Certeza e o nosso Padre Baptista há muito teria posto seus talentos a render de forma mais cómoda.

No fim da Refeição Eucarística, seguiu-se o jantar no salão, com a presença dos Rapazes da Casa do Gaiato de Beire e de Doentes do Calvário. Embora com naturais limitações, todos deram alegria ao ambiente, pelas suas anedotas e canções, que causaram a melhor impressão. A senhora Celeste, de 85 anos, cantou como se fosse uma jovem!

Que estes 25 anos façam reflectir muita gente à procura de Verdade, Amor, Justiça e Paz.

São os nossos votos mais sinceros.

Manuel Simões



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares